

Pedro Heliodoro Tavares

USP

pedrohmbt@hotmail.com

## O *Fausto* de Marlowe : do vilão reformista ao herói da modernidade

**Resumo:** No presente artigo pretendemos apresentar Christopher Marlowe como um pioneiro entre os autores que construíram uma determinada tradição apresentando Fausto como um herói moderno e inspirador, ao invés de um vilão a ser temido ou gerar piedade. Apenas um ano após a publicação do *Volksbuch* moralista de Spies na Alemanha luterana, numa suposta biografia, mostrando o desafortunado destino do doutor, Marlowe dá vida e voz a esta personagem, que certamente enfrentará a danação, mas, ao invés de arrependimento, seu Fausto demonstra dignidade e heroísmo em sua heresia.

**Palavras-chave:** Estudos de Fausto; Marlowe; Doctor Faustus.

**Abstract:** In the present article we intend to present Christopher Marlowe as a pioneer among the authors that build a certain tradition presenting Faust as a modern and inspiring hero, rather than a villain to be pitied or feared. Just one year after the publication of Spies' moralist Folk-book in Lutheran Germany, in a supposed biography of the doctors unfortunate fate, Marlowe gives life and voice to this character which will certainly face damnation, but instead of regret his Faustus shows dignity and heroism in his heresy.

**Keywords:** Faust studies; Marlowe; Doctor Faustus.

O tema de Fausto talvez seja o que possui o maior número de versões autorais entre os mitos literários da modernidade. Entre a existência documentada de um *Dr. Johann ou Jörg Faustus* (Knittlingen 1480 - Staufen ou Freiburg 1540) (Mahal, 1980) e tantas versões literárias houve um passo fundamental: a publicação do *Volksbuch* de Spies que pretendia de modo biográfico descrever aos fies do novo credo protestante as desventuras deste desafortunado herege. Este livro, intitulado *Historia von D. Johann Fausten - Dem Weitbeschreybten Zauberer und Schwarzkünstler*, de autoria desconhecida, certamente não pretendia ter um valor de ficção ou de peça literária, mas antes de ser uma espécie de guia de conduta a partir de um exemplo de mau exemplo.

O inglês Christopher Marlowe (1564-1593) será o primeiro a assinar uma obra literária e de grande repercussão depois do *Volksbuch* alemão. Trata-se do drama *The Tragical History of Life and Death of Doctor Faustus*, escrito talvez já um ano após o lançamento do livro de Spies, a partir da tradução inglesa do mesmo.

Na verdade o texto de Marlowe pouco dista do original em relação ao conteúdo, aos fatos ali descritos, mas guarda a grande diferença de tirar o aspecto descritivo de um narrador moralista para dar voz ao próprio Fausto. É bem verdade que o resultado e a mensagem final do texto exaltem a condenação de Fausto, sendo que o contrário seria inimaginável num drama que abordasse tais questões numa Inglaterra que também perseguia implacavelmente seus hereges. Mas, no drama, além do simples apelo moralizante de Spies, Fausto terá a possibilidade de expressar-se em sua vontade de liberdade e de ruptura. Em Marlowe, teremos também a “ênfase em sua competência artificial e artística, para cujo vôo cada um costura, como pode, a potência de suas asas”, (ALONSO, p.40) revelando-se em sua face de Ícaro, mas consciente dos perigos do “mau uso” de seu artifício: suas asas.

Tendo como substrato uma versão com menor imaginação e com um objetivo didático específico, a saber, o *Volksbuch* alemão, Marlowe soube dar expressão a sua compreensão do homem em sua face prometeica como “excesso e paixão, devir e mudança, exuberância e individualismo revoltado, que expressa bem a ousada aspiração do renascimento nos campos científico, político, ético e estético” (DUARTE & FERREIRA, p.20). Mais do que simplesmente condenar essa postura, o drama nos aponta a desarmonia deste homem com as normas e as regras sociais que o circundam. “Mas, a desmesura alumbrada do sonho fáustico esbarra com uma mundivisão harmoniosamente ordenada, estante e não deviniente, em que o homem é apenas mais uma peça na ordem imutável dos seres e das coisas, *nexus et natural vinculum*” (idem).

No início do drama em questão, temos o Fausto em um monólogo que reconhecemos como inspiração ao de Goethe. Ali, Fausto vai desconstruindo, com sagaz ironia socrática, as vantagens e as capacidades dos saberes de que dispunha: Teologia, Lógica, Medicina, Direito, mas é pelo mesmo recurso da ironia que aponta na Teologia, na *Vulgata* de Jerônimo, citando em latim, a saída de seu drama paralisante. Fazendo uso da *Primeira Epístola de São João*, e não do Evangelho que o Fausto de Goethe visa a traduzir ao vernáculo, Fausto encontra a sua justificativa para se lançar ao pecado da magia alquímica. “*Si pecasse negamos, fallimur, et nulla est in nobis veritas.*” (Se dissermos que não temos pecado,

enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós):

*If we say that we have no sinne we decieve our selves, and there is no truth in us.  
Why then belike  
We must sinne, and so consequently die,  
I, we must, die, an everlasting death.  
What doctrine call you this? Che sera, sera:  
What will be, shall be; Divinitie adiew.  
These Metaphysicks of Magitians,  
And Negromantick bookes are heavenly.  
Lines, Circles, Signes Letters, and Characters,  
I these are those that Faustus most desires.  
Of power, of honour, and omnipotence,  
Is promised to the Studious Artizan?  
All things that move betweene the quiet Poles  
Shall be at my command: Emperors and Kings,  
Are but obey'd in their severall Provinces:  
Nor can they raise the winde, or rend the cloudes:  
But this dominion that exceeds in this,  
Stretched as farre as doth the mind of man:  
A sound Magitian is a Demi-god,  
Here tire my braines to get a Deity (p. 36-7)*

(Mas parece então  
Que temos que pecar e, por conseguinte, morrer.  
Ai... temos de morrer, e morrer para todo o sempre.  
Como chamais esta lei? *Che sarà, sara:*  
O que for se há-de ver. Teologia, adeus.  
Esta metafísica dos mágicos,  
Estes livros arcanos é que são divinos.  
Linhas, círculos, sinais, letras e caracteres,  
Ah! Isto é o que Fausto mais deseja.  
Que mundo de lucro e de prazer,  
Quanto poder onipotência e honra  
Estão prometidos ao artífice aplicado!  
Tudo o que se move entre os dois pólos  
Terei às minhas ordens: Imperadores e Reis  
Só nos seus domínios são obedecidos,  
E não podem erguer ventos, rasgar nuvens.  
Pelo seu poder que tudo isto excede  
E vai até onde a mente humana alcança,

Um mágico sagaz é quase um deus.  
Aguça teu engenho, Fausto, e sê divino !)

Contrariamente ao desespero típico no início do drama faustiano, no de Marlowe temos um Fausto bastante frio e irônico da sua constatação. Diante da impossível ausência de pecado e da pureza no homem, mais valeria se entregar ao que a vida oferece, mesmo tendo que pagar com a alma, mais valendo isso do que sofrer, lamentando a imperfeição. A partir da mensagem da Bíblia, da palavra a ser seguida como preceito moral, Fausto fará um uso muito próprio e particular de seus ensinamentos. Ele vai atrás do que está prometido ao artífice aplicado.

O motivo do pacto, do comércio com o demônio é o desejo de Fausto de também poder tornar-se demoníaco. Fausto entrega sua alma (*soul*) para poder se tornar ele próprio um *espírito-gênio-demônio* (*spirit*). Há que se ter em mente a diferente acepção que o termo inglês *spirit* tinha no inglês de Marlowe em relação ao atual. *Spirit* estava aí muito associado ao *gênio dos ares* (*σπυρο*) do gênio Ariel (trocadilho com *Air*) que aparecerá nas obras de Shakespeare, por exemplo. É curioso pensarmos esta distinção há muito tão rara. A alma (*anima, die Seele, die Psyche*) é de natureza passiva, feminina, no sentido analítico, ao passo que o espírito (*der Geist, gênio*) estaria mais próximo do artífice, do ato, da escolha ativa e viril. O irônico, no entanto, é a constatação de que ele, pelo seu ímpeto e sua atitude, o pactário, já se demonstra demoníaco: "*Thou art a spirit, God cannot pity thee.*" (Tu és um demônio-gênio-espírito (*spirit*), Deus não pode perdoar-te). Da mesma forma, Marlowe enfatiza que o inferno não estaria num plano metafísico, mas ali onde eles se encontram:

Hell hath no limits, nor is circumscrib'd,  
In one selfe place: but where we are is hell  
(Não tem limites o Inferno, nem se circunscreve  
A um só lugar, pois onde estamos é Inferno)

Não diferente seria com o paraíso, este também está próximo. Marlowe ousa revelar um ateísmo claro, apontando céu e inferno como meras metáforas do drama humano:

Mephostophilis - But think'st thou heaven is such a glorious thing?  
I tell thee Faustus it is not halfe so faire  
As thou, or any man that breathes on earth

(Mefisto – Mas julgas que o Céu é coisa de tanto esplendor?  
Pois não tem nem metade de tua beleza,  
Ou da de qualquer homem sobre a terra, digo-te eu)

De fato, o ateísmo é somente uma das acusações e especulações sobre este primeiro autor de Fausto. Assim como Johann Faust, o Fausto histórico que inspira a lenda e o mito literário, a vida e os feitos de Christopher Marlowe, envoltos em misteriosas remissões acusadoras e poucas provas documentais incitam a imaginação, tanto popular quanto a acadêmica, a pensar e fabricar as mais diversas teorias. Pesa-lhe a fama de ter sido ateu, ou mais afeito à igreja romana que à anglicana, blasfemador, homossexual, espião e falsário. Características tão diversas que pouco críveis em uma mesma personalidade a não ser pelo fato de que, sendo todas igualmente condenáveis em seu *milieu*, tornam-se igualmente conveniente serem difundidas por seus opositores.

Entre estes, o moralista puritano Thomas Beard teria afirmado em seu *The Theatre of Gods Judgements* que Marlowe

“denied God and his son Christ, and not only in word blasphemed against the Trinity, but also (as it is credly reported) wrote a book against it, affirming Our savior to be a deceiver, and Moses to be a conjuror and seducer of the people, and the Holy Bible to be but vain and idle stories, and the religion but a device of policy” (Negou Deus e Cristo, Seu filho, e não só em palavras blasfemou contra a Trindade, mas também [como é seguramente informado] escreveu um livro contra a mesma, afirmando que Nosso Salvador seria um enganador, e Moisés um conjurador e sedutor do povo, e a Bíblia Sagrada não passaria, segundo ele, de histórias vãs, sendo a religião um mero dispositivo de política (*apud* MacLURE 1979 p. 41-2)

Outros dois registros seriam a confissão da sua condição ateísta feita sob tortura pelo dramaturgo, próximo de Marlowe, Thomas Kyd (1558-1594) ao *Conselho Privado da Rainha*, além da nota de Richard Banes enviada a este mesmo conselho. Eis as principais acusações dessa nota:

a) Aversão de Marlowe a todos os credos “*That the first beginning of Religion was only to keep men in awe*” Que o primeiro objetivo da Religião só era manter os homens em temor

b) Descrédito às noções teológicas primordiais e às importantes figuras do Antigo Testamento (em sua alegada “*Atheist lecture*”, obra clandestina da qual Marlowe é acusado de ter escrito)

c) Blasfêmias e imputações sexuais às bases da ortodoxia “*That Christ was a bastard and his mother dishonest, that St. John the Evangelist was bedfellow to Christ and leaned always in his bosom, that he used him as the sinners of Sodoma*” (Que Cristo era um bastardo e sua mãe uma mulher desonesta, que São João o Evangelista era companheiro de cama de Cristo e que ele o usara como os pecadores de Sodoma)

d) Apesar das alegações de ateísmo, coloca Marlowe como simpatizante da igreja romana “*That if there be any good religion, then it is the papists... That all protestants are Hypocritical asses*” (Que se há alguma religião boa, então é os papistas... Que todos os protestantes são asnos hipócritas.)

e) Por fim, reiteração das prováveis inclinações homossexuais do autor (apud DUARTE & FERREIRA, p.11)

Mas, as teorias biográficas desta dupla vida confluem na divisão entre a mensagem moralista da narrativa e a exaltação da personagem. Fausto marcha para a danação sem esboçar um claro arrependimento ou ilusão. (*I, but Faustus shall never repent* (Mas eu, Fausto, jamais hei de me arrender.) (p.63). Também o autor teria pago caro, sendo assassinado muito jovem, em circunstâncias misteriosas muito provavelmente por causa de suas idéias e atos-escritos heterodoxos.

“Quando partiu de Cambridge para Londres em julho de 1587 (ano do lançamento do *Faustbuch* de Spies), aos 23 anos, o poeta, o espião e o cada vez mais constrangido aluno de Teologia havia já feito da duplicidade e da denegação o seu modo de ser, de pensar e de viver – intensamente” (DUARTE & FERREIRA, p.7). Nesse momento é que ele escreverá a peça em questão. Marlowe de fato se mostrava completamente hostil à autoridade e às convenções. A duplicidade se manifestava também em uma genialidade romântica que gerou uma produção extraordinária para uma existência tão breve e uma excentricidade de uma vida completamente desregrada e intensamente atribulada.

Desse gênio feito personagem e primeiro *autor* de Fausto cria-se pela anedota biográfica uma estrutura moebiana entre o pactário e o escritor, na qual, procurando por um, deparamo-nos com o outro. Ele não liberta Fausto da danação, mas o liberta de uma condenação sumária, fazendo de sua queda, na metáfora de Aristides Alonso uma ascensão. Seu Fausto é um Lúcifer humano e sua *queda para o alto* eleva-o a mito da modernidade. Em suma, fazendo nossas as belas conclusões de Spriet em seu *Le Faust de Marlowe* (1977 p. 81) com o drama de Marlowe, Fausto...

...deixamos heróis d'un combate, certas inégal mas sublime, livrés contra un Deus cruel por un homem que est finalmente écrasé mas qui, au plan spirituel, apparaît como victorioso. Fausto est aclamé como l'archétype de l'homme nouveau qui s'est affirmé à partir de la Renaissance, une sorte de Prométhée condamné à mort, mais que sa faim de savoir et sa volonté de puissance transforment en modèle héroïque. Fausto est ainsi haussé qu niveau mythique : son aventure dans sa démesure même devient le symbole de l'histoire de l'homme moderne. Le châtimeut qu'inflige un Deus juste mais sévère est désormais ressenti como un crime inqualifiable contre l'homme épris de liberté et d'indépendance.

(...torna-se o herói de um combate, certamente que desigual, mas sublime, travado contra um Deus cruel por um homem que é finalmente esmagado, mas que, no plano espiritual, aparece como vitorioso. Fausto é aclamado como o arquétipo do homem novo que se afirma a partir do renascimento, uma espécie de Prometeu condenado à morte, mas que sua fome de saber e sua vontade de poder transformam em modelo heróico, Fausto é assim alçado ao nível mítico: sua aventura em sua própria desmedida torna-se o símbolo do homem moderno. O castigo que um Deus justo, mas severo, inflige é de hoje em diante percebido como um crime inqualificável contra o homem apaixonado pela liberdade e pela independência.)

## Referências

- ALONSO, Aristides. *A queda para o Alto : O Fausto de Marlowe*. in *Comum* – Rio de Janeiro : Facha, 2001 vol.9 – número 22. Janeiro/Junho, 2004.
- DUARTE, João Ferreira & FERREIRA, Valdemar Azevedo. *A Vida de Christopher Marlowe – Fatos e Incógnitas* in MARLOWE, Christopher. *Doutor Fausto – The Tragical History of the life and Death of Doctor Faustus (Edição Bilingue)*. Trad. João Ferreira Duarte e Valdemar Azevedo Ferreira. Sintra: Publicações Europa América, 2003.
- MACLURE, Millar. *Marlowe: The Critical Heritage*. Londres: Routledge, 1978.
- MAHAL, Günther. *Faust – Die Spuren eines geheimvollen Lebens*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1980.
- MARLOWE, Christopher. *Doutor Fausto – The Tragical History of the life and Death of Doctor Faustus (Edição Bilingue)*. Trad. João Ferreira Duarte e Valdemar Azevedo Ferreira. Sintra: Publicações Europa América, 2003.
- SPIES, Johann (Editor). *Historia von D. Johann Fausten – Dem Weitbeschreybten Zauberer und Schwarzkünstler*. Stuttgart: Reclam, 1587/1992.
- SPRIET, Pierre. *Le Docteur Faust de Marlowe* in FAIVRE, Antoine et al. *Faust – Cahiers de l'Hermetisme*. Paris : Éditions Albin Michel, 1977.